

AS NARRATIVAS E AS TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCADORES: OLHARES SINGULARES E ESTRUTURANTES DA DOCÊNCIA

Geisa Arlete do Carmo Santos –UNEB/FVC

RESUMO

O presente artigo trata de narrativas e trajetórias das histórias de vida dos educadores com olhares singulares e estruturantes da docência, no qual se objetiva dialogar o caminho traçado na pesquisa “Histórias de vida e o abandono da profissão docente: entre partidas e chegadas” que teve como ponto de partida a busca pela descoberta do desencanto com a profissão docente, que passou a ser observada e pensada através das singularidades e dos aspectos estruturantes da prática educativa dos docentes que se desencantaram. Objetivei conhecer como os colaboradores ingressaram na profissão e se constituíram professores. Desse modo, encontrei na minha trajetória profissional a ancoragem para continuar pelos trilhos das narrativas das histórias de vida, a começar pela minha. A metodologia da pesquisa foi fundamentada pelas entrevistas narrativas abertas de Bauer (2002). O caminho das entrevistas teve com foco as histórias de vida de sete professores, pertencentes a escolas públicas e particulares da Educação Básica em Salvador-BA. Os dados das entrevistas foram analisados à luz da abordagem (auto) biográfica. As questões norteadoras que sustentaram a pesquisa: o que caracteriza o abandono da profissão? Como ingressaram e como se constituíram professores? Como os professores vivenciaram a experiência profissional frente aos problemas da contemporaneidade? Dessa forma, As articulações entre as narrativas e as trajetórias das histórias de vida dos educadores inauguraram olhares singulares e estruturantes para o ser professor que compreende a construção em si e no outro. Este olhar possibilita aos educadores perceberem como estão diante do mundo e com o mundo. A forma peculiar como cada docente vincula-se com o trabalho e a trajetória da história de vida é que determina o desenrolar do percurso profissional. Perceber a pertinência das histórias de vida do educador, trazendo as implicações que o levaram ao abandono da profissão foi o primeiro passo para considerar a cultura das narrativas para este estudo. Com as narrativas das histórias de vida, busquei conhecer os diferentes percursos e os desencantos que sofreram os colaboradores da pesquisa. Ao tecer as relações, intento reconhecer a compreensão da minha narrativa pessoal e o possível eco que desabrocha a partir da narrativa do outro. O estudo possibilitou conhecer a estruturação de uma reflexão crítica sobre alguns elementos que são considerados como geradores das singularidades e estruturas que emergem através das tensões nas quais os professores estão imersos, como as condições de trabalho do docente, as experiências vivenciadas frente aos problemas da sociedade, e as condições de trabalho que o professor é submetido.

Palavras-chave: Narrativas; Histórias de vida; Trabalho docente

ABSTRACT

This article deals with narratives and trajectories of the lives of educators with unique looks and structuring of teaching, in which the objective is to engage in research in the footsteps of "Stories of life and the abandonment of the teaching profession between arrivals and departures" that was starting point to search for the discovery of disenchantment with the teaching profession, which came to be seen and thought through the singularities and the fundamental aspects of the educational practice of teachers who have become disenchanted. Objective: know how the employees joined the profession and teachers formed. Thus, I found in my career to continue anchoring the rails of the narratives of life histories, starting with mine. The research methodology was based on interviews narratives open Bauer (2002). The path of the interviews was to focus on the life stories of seven teachers, belonging to public and private schools of basic education in Salvador, Bahia. Interview data were analyzed in the light of the approach (auto) biographical. The guiding questions that supported the research: what characterizes the abandonment of the profession? As entered teachers and how they formed? As experienced teachers the professional experience of the problems facing the contemporary world? Thus, the joints between the narratives and the trajectories of the lives of educators inaugurated looks natural and structuring to be a teacher who understands the building itself and on the other. This look allows educators to realize how they are before the world and the world. The peculiar shape as each teacher is bound up with the work and the evolution of life history determines the course of the career. Understand the relevance of the life histories of the educator, bringing the implications that led to the abandonment of the profession was the first step to consider the culture of the narratives for this study. With the narrative of the life stories, I sought to know the different routes that have suffered disappointments and employees of the research. When weaving relationships, attempt to recognize the understanding of my personal narrative and can echo the narrative unfolds from the other. The study has helped understand the structure of a critical reflection on some elements that are considered as generators of singularities and structures that emerge through the tensions in which teachers are immersed, as the working conditions of teachers, the experiences regarding the problems of society and working conditions that the teacher is submitted.

Keywords: Narratives, Stories of Life, Teacher's work

AS NARRATIVAS E AS TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCADORES: OLHARES SINGULARES E ESTRUTURANTES DA DOCÊNCIA

O presente artigo trata de narrativas e trajetórias das histórias de vida dos educadores com olhares singulares e estruturantes da docência, no qual se objetiva dialogar o caminho traçado na pesquisa “*Histórias de vida e o abandono da profissão docente: entre partidas e chegadas*” que teve como ponto de partida, a busca pela descoberta do desencanto com a profissão docente, a qual passou a ser observada e pensada através das singularidades e dos aspectos estruturantes da prática educativa dos docentes que se desencantaram. Objetivei conhecer como os colaboradores ingressaram na profissão e se constituíram professores.

Desse modo, encontrei na trajetória profissional a ancoragem para continuar pelos trilhos das narrativas das histórias de vida, a começar pela minha. A metodologia da pesquisa foi fundamentada pelas entrevistas narrativas abertas de Bauer (2002). O caminho das entrevistas teve como foco as histórias de vida de sete professores, pertencentes a escolas públicas e particulares da Educação Básica em Salvador-BA. O local inicial de pesquisa foi o Sindicato de Professores no Estado da Bahia – SINPRO/BA, por se tratar de um espaço onde os Professores fazem suas rescisões trabalhistas. Os dados das entrevistas foram analisados à luz da abordagem (auto) biográfica. As questões norteadoras que sustentaram a pesquisa: o que caracteriza o abandono da profissão? Como ingressaram e como se constituíram professores? Como os professores vivenciaram a experiência profissional frente aos problemas da contemporaneidade? Dessa forma, as articulações entre as narrativas e as trajetórias das histórias de vida dos educadores inauguraram olhares singulares e estruturantes para o ser professor que compreende a construção em si e no outro.

Este olhar possibilita aos educadores perceberem como estão diante do mundo e com o mundo. A forma peculiar como cada docente vincula-se com o trabalho e a trajetória da história de vida é que determina o desenrolar do percurso profissional. Perceber a pertinência das histórias de vida do educador, trazendo as implicações que o levaram ao abandono da profissão foi o primeiro passo para considerar a cultura das

narrativas para este estudo. Com as narrativas das histórias de vida, busquei conhecer os diferentes percursos e os desencantos que sofreram os colaboradores da pesquisa.

A forma peculiar como cada docente vincula-se com o trabalho e a trajetória da história de vida é que determina o desenrolar do percurso profissional. Perceber a pertinência das histórias de vida do educador, trazendo as implicações que o levaram ao abandono da profissão foi o primeiro passo para considerar a cultura das narrativas para este estudo. Assim, inspirada em Souza (2006), busca-se entender que a pertinência,

[...] da narrativa (auto) biográfica inscreve-se num amplo movimento de investigação [...] o qual tem adotado a abordagem biográfica como perspectiva epistemológica sobre a aprendizagem dos sujeitos, a partir de suas próprias experiências. A opção e a inscrição desta pesquisa neste campo e nesta abordagem nascem da necessidade de ampliar os estudos sobre histórias de vida e mais, especificamente, sobre as narrativas (p. 49).

Essa reflexão destaca a importância da narrativa (auto) biográfica. Desse modo, essas considerações moveram-me a continuar articulando as marcas das histórias de vida de cada sujeito com a sua experiência profissional. Nesse sentido Souza (2006), oportuniza refletir sobre:

As itinerâncias, as aprendizagens e o desejo do conhecimento, como uma das possibilidades do desenvolvimento pessoal e profissional, são o caminho que busco para reafirmar a minha identidade profissional, bem como, cada vez mais, melhor compreender o fenômeno educativo, especificamente no que tange ao processo de formação e desenvolvimento pessoal e profissional do educador. Um educador em construção, expressa uma reflexão sobre tempos e espaços de formação. Tempos marcados na memória e nas histórias sobre o sentido da vida e da profissão (SOUZA, 2006, p. 19).

Depreendo, com Souza (2006), a importância do tempo, a memória e as narrativas da trajetória pessoal e profissional na construção do ser professor. Assim, “procuro despir-me do que aprendi... Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta com que pintaram os sentidos... Desencaixotar minhas emoções verdadeiras desembulhar-me” (PESSOA, 1997, p. 118). É nessa perspectiva de desembulhar que tencionei cruzar as trajetória de vida e o percurso profissional com a intenção de ancorar os significados de tornar-se professora.

A pesquisa ganhou forma com a contribuição da itinerância profissional. A curiosidade intelectual e a afetividade sempre estiveram presentes no processo construtivo dos saberes da docência. Para Souza (2006, p. 16), “o conhecimento de si propiciado pelas narrativas inscreve-se como um processo de formação porque remete o sujeito numa pluralidade sincrônica e diacrônica de sua existência”. Percebo que, ao se contar para si e para o outro, apresenta-se um caminho fecundo de construção da própria existência, que vai da trajetória de vida pessoal para a profissional na qual é possível de se reconhecer e de se reinventar. Para Delory-Momberger (2008, p. 22), “a escrita biográfica não dissocia jamais a relação consigo mesmo da relação com o outro”. O reconhecimento da minha narrativa pessoal possibilita a compreensão da história vivenciada por outro. Delory-Momberger (Id.) sublinha: “A narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica”. Atentar para a narrativa e a escrita de mim e a escuta sensível da narrativa do outro pode caracterizar uma nova maneira de produzir conhecimento.

Remeto a uma reflexão sobre a relação ensino-aprendizagem com o humano que tenho a minha frente e percebo que, de nada valerá o conhecimento se não for para me aproximar do outro. “A vida não é a que a gente viveu, mas a que a gente recorda e como recorda para contá-la” (MARQUEZ, 2004, p. 3). Cursei o magistério na década de 80, período marcado pelas mudanças no cenário político-econômico e social. Souza (2003) sinaliza que,

A demarcação da década de 80, como tempo/espço de análise, afirma-se por várias questões: [...]. Queda do Muro de Berlim, “colapso do socialismo real” e, por conseguinte, a gênese das teses da crise das classes. [...] As políticas de formação, empreendidas historicamente na sociedade brasileira, no sentido de que as mesmas reafirmam as desigualdades e contribuem para uma formação centrada na racionalidade técnica, sendo profundamente marcadas pela consolidação da crise de identidade dos profissionais da educação e de uma respectiva descaracterização do trabalho docente (p. 432).

Em meio à turbulência de transformações, tornei-me professora primária. O encantamento pela profissão foi do tamanho do meu desejo. No pico dos conflitos e das mudanças, o primeiro emprego aconteceu. No exercício da docência, ainda no segundo ano letivo, fui convidada para assumir a coordenação pedagógica da escola em que trabalhava. Entre alegria e surpresa, passei ao contexto de articuladora com os docentes

e discentes, fui desafiada a conquistar a confiança dos colegas professores, dos pais e dos estudantes. Penso que, nesse movimento, dei os primeiros passos em direção à escuta dos professores que, na maioria das vezes, demonstravam desânimo, revelado nas conversas cotidianas. A frase “Não me seqüestre! Sou Professor!” aparecia estampada nas camisetas dos colegas que demonstravam insatisfação pelo salário que recebiam. No Sindicato de Professores no Estado da Bahia (SINPRO-BA), os anos 1980 foi o momento de “organização, lutas e conquistas”!

Esta década foi marcada por muitos avanços na organização e na luta do povo brasileiro e em especial no Estado da Bahia, pelo seu Sindicato bastante fortalecido. Uma onda de greves parecia mostrar que a classe trabalhadora buscava resgatar seus direitos, golpeados duramente pela ditadura militar. No plano político nacional, realizaram-se eleições diretas para governadores e prefeitos das capitais, criando-se espaço para uma grande mobilização popular, talvez a maior na história política do país. Para os profissionais da escola que eu coordenava, as condições de salários e respeito aos direitos trabalhistas continuavam sem solução. Colegas de outras escolas organizavam movimentos e chamavam o sindicato, que passava a fazer as negociações.

Nos doze anos de exercício da docência e da coordenação pedagógica, já na década de 1990, as mudanças dos anos 80 continuavam ditando transformações. Em meio a muitos assuntos, um se destacava: a insatisfação por ser professora! Explicitavam suas negatividades com a profissão ao referirem-se sobre as doenças que adquiriram e os baixos salários. Parece que o tempo não passou! Ao escrever sobre essa passagem, perguntei: como nos tornamos professores? Tomei como referência Nóvoa (2000, p. 16), quando diz que “a identidade [...] é um lugar de lutas e de conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão”. Para Nóvoa, o processo identitário caracteriza a forma como cada um se sente e se diz professor dentro da complexidade da apropriação e do sentido da sua história pessoal e profissional.

Na escrita das narrativas (auto)biográficas, voltei no tempo, senti o cheiro da casa onde morava, a lembrança da primeira escola que se revelou a maior incentivadora para que me tornasse professora. O desafio passa pela tessitura entre minha identidade pessoal e profissional, com os vestígios da história de vida revelados pelo sentimento de busca e transformações. Recorro a Delgado (2006), quando diz que,

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual história e memória, alimentam-se. [...] Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. É a humanidade em movimento. São olhares que permitem tempos heterogêneos. É a história em construção. São memórias que falam (p. 44).

É nesta perspectiva que o diálogo entre a trajetória pessoal e profissional encontrou nas narrativas um espaço importante para a compreensão dos aspectos que norteiam as trajetórias docentes, seus encantos e desencantos, sua vivacidade e doença; um espaço capaz de reconstruir caminhos marcados por rupturas e desejos adormecidos. Os reencontros com as histórias de vida e o conhecimento de si provocam nos docentes as marcas significativas do processo, em face do reencontro com o sentido de pertencimento a partir das próprias descobertas. Os colaboradores da pesquisa narraram com emoção suas trajetórias pelo desencanto, para Ivone,

De 2000 a 2008, uma estranha mudança ocorreu com a clientela da escola pública: “comecei a perder o tesão pela educação. Como professora concursada percebi que era e é tudo um grande fingimento a educação onde eu trabalhava. Colegas doidos por aula vagas, muitas faltas, faz de conta, desencanto, [...] não via resultado no meu trabalho. Então resolvi fazer a troca¹.”

Professora Ivone demonstra o desencanto e sinaliza as mudanças de perfil dos estudantes e dos seus pares. Afirma sentir-se uma “extraterrestre” na escola onde trabalhava. Suzete, viveu a docência por 20 anos. Sonhava, desde criança, em ser professora, mesmo sendo um sonho difícil para a mãe aceitar por ser uma profissão de salário baixo; mesmo assim, comprou- lhe um quadro e giz. Suzete, não resistiu! O desencanto foi maior que seu sonho e desabafa:

... não quero saber de escola nunca mais, o que vivi foi o descaso dos descasos com o ser humano, sem tempo para nada. Quando fui pedir minha demissão da escola em que passei onze anos, quase que os donos me bateram. Fui maltratada e nem me perguntaram o porquê de estar saindo! Cansei de receber meu salário, se é que posso chamar de salário receber depois que paga tudo e por pedaços de R\$10,0 ou R\$20,0. Hoje sou valorizada! Trabalho feliz!

¹ Troca, no sentido de saída da educação. A professora não gostou do nome abandono.

Áurea fez magistério mesmo sem desejar, sua mãe era professora e dona de uma escolinha; aos 14 anos começou ajudá-la na escola. Tornou-se professora de jovens em situação de risco em um bairro de alta criminalidade de Salvador. Acredita ter “tomado gosto” por educação quando ainda menina e ajudava a mãe. Porém desabafa:

O professor tem nível superior, é qualificado. Ele é mal remunerado, não reconhecido. Eu ganho um salário que a minha colega está lá trabalhando, atuando em outras coisas, ganha muito mais do que eu. Eu acho isso desleal, eu acho isso desumano. Entendeu? Isso é desigualdade. E continua: hoje o fato de eu ir pra polícia também contribui, porque eu quero a minha estabilidade. Eu quero dizer: eu ganho melhor.

Percebe-se nas palavras de professora Áurea o desencanto com a profissão apesar de se entender que a docência esteve perto e distante ao mesmo tempo. Pois, a professora buscava um reconhecimento profissional por parte de colegas e sociedade, o que nem sempre é declarado. Sabe-se o quanto árduo se torna a profissão quando não estamos estimulados.

Gleydes entrou na escola muito cedo por ter sua mãe como professora primária. Construiu uma boa caminhada na educação, Fez o curso de magistério por estímulo da mãe. Estagiou mas não se "empolgou", para ampliar a sua formação especializou-se em História da África. Desabafa:

... não acredito que o ser humano trabalhe sem reconhecimento econômico, social e moral. Infelizmente, a questão de ter saído da educação foi essa. Fui procurar um trabalho que me desse um pouco mais para poder estudar. Posso afirmar que eu fui o que minha mãe queria que eu fosse!

Nas palavras da professora Gleydes aparece o desencanto pelo não reconhecimento financeiro, social e moral, e por fim a confirmação que realizou o sonho da mãe e não o seu próprio sonho.

Mônica remeteu-se à infância como um período de muitos dengos e medos. Tornou-se uma dedicada profissional, mãe e companheira. Viveu muitos desafios e obstáculos. A certeza de vencer sempre esteve presente nos momentos considerados “atrapalhados”.

Para ela, a família foi quem estimulou para a docência. Formou-se com 20 anos, ficou por 12 anos na docência. Mônica em um dado momento relatou que:

... a pressão com o professor é demasiada; os diretores pressionam os coordenadores que cobram dos professores, a chamada hora das 'conversas' [...] eu acredito que a educação deixa a desejar, mas não é culpa do professores; também, não é dos pais. Acho que todos precisam se unir e vê o que é possível fazer.

Professora Mônica sinaliza para a retirada das culpas sobre os professores e os pais, é oportuno atentar que a professora desencanta por desacreditar na educação. Percebo nos relatos das colaboradoras desencantos diferenciados. O desencanto trabalhado na pesquisa passa pelo sentido de desistir, abandonar, mudar. Fica evidenciado que a história de vida e a trajetória de formação são fatores determinantes para a realização pessoal e profissional.

Márcio afirma que: *caiu de pára-quedas na educação*. Quando percebeu já estava com quatorze anos na docência e mesmo tendo entrado sem perceber por ter começado como docente nos primeiros semestres da Faculdade, sabia que aquele lugar atendia suas necessidades financeiras o que lhe deixava no dilema entre permanecer e ser feliz em outro espaço. Já que aquele estava lhe trazendo muitas tristezas. Não conseguia sair do mal-estar gerado pelo desrespeito, pressão psicológica, estresse, desânimo com a falta de interesse dos estudantes. Márcio adentra outro processo formativo paralelo ao exercício da docência e ao concluir a nova graduação abandona a profissão. Conclui sinalizando que: *creio ter fechado meu ciclo profissional sem mágoas! Sala de aula faz parte o passado*.

Nesse sentido, a busca de si e de nós, sinaliza que a evolução de cada sujeito, no seu processo narrativo. Nas recordações e memórias, os docentes entrelaçam a vida pessoal e profissional nos valores, na família, nos interesses pessoais, nas opiniões, amizades; enfim, em tudo que, de certa forma, contribui para o seu modo de ser, agir e pensar.

As histórias de vida põem em evidência quem somos como pessoas e profissionais e, ainda, nossas ações pedagógicas que se mostram diante da itinerância do percurso pessoal e profissional. Nóvoa (2000) enfatiza que:

[...] apesar de todas as fragilidades e ambigüidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes [...]. O movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores (p. 19).

As narrativas das histórias de vida favorecem o transparecer das emoções, dos fatos e das experiências que são singulares e plurais nas vivências e decisões de cada professor. Nos relatos dos professores, por meio de narrativas (auto) biográficas das histórias de vida justifica-se um tempo e ampliam-se as possibilidades deles se reconhecerem no processo, tendo em vista as experiências vividas e as narrativas construtivas de formação da identidade pessoal e profissional. Já é possível constatar que o abandono² deve-se a vários fatores. Dentre eles, o desistir da profissão significa libertar-se de um peso. Veja como o coloca Suzete:

Não me arrependi mesmo, [...] eu me libertei daquilo, que estava me fazendo mal e eu tentando ficar com aquilo. [...] O sentido de abandono pra mim foi tirar um peso das minhas costas, aquela tonelada, meu Deus! Que eu carreguei esses vinte anos, pesada... mas todo dia eu remava... vou conseguir... vou conseguir Ave Maria!

Nessa situação, quando a frustração é grande e as experiências confirmam o sentimento de fracasso e desencanto, a história de vida é marcada mais profundamente.

O descortinar do abandono tem sua ação na insatisfação de alguns docentes que não aceitaram conviver com o desencanto, embora tenham passado boa parte de sua vida profissional convivendo. O sentimento de inutilidade do trabalho docente causa fortes indicadores de insatisfação nos professores que se vêm com a percepção que seu trabalho nada tem a contribuir com a sociedade diante do contexto educacional.

Suzete apresenta, no seu discurso, uma relação forte com as questões financeiras que permeiam a docência e o seu desencanto e conseqüente abandono.

Eu me desencantei mesmo foi com o salário, né? Porque é defasado mesmo. Uma das coisas que era pra receber, um salário digno de um professor, porque o professor enfrenta várias coisas durante aquele período que ele está na sala.

² No sentido de: renunciar, desistir.

Nessa declaração, percebi o desejo, também, por reconhecimento e valorização de si e do seu trabalho, que em toda a entrevista fica evidente nesta professora. Compreendi que, para ela, especialmente, o sonho virou um pesadelo tamanho, ao tempo em rejeitar de forma tão definida. Assim, conclui sua narrativa: “Não quero mais, nunca voltar para a escola”.

Parece que esse sentimento não é único da professora Suzete. Roberta, nas suas andanças “pós-escola”, descobre que pode ganhar mais trabalhando menos. Novamente, giro o olhar para a questão financeira. Dessa vez, com menos ou quase nenhum descontentamento com a educação, nem a busca frenética pelo reconhecimento profissional, mas, principalmente, na busca de melhor qualidade de vida, tempo para a família e menos desgaste no campo da profissão.

A remuneração. Foi justamente uma das causas que me fez me afastar da educação, né. Os professores hoje pra que eles possam ter uma renda melhor, o quê que eles fazem? Eles trabalham em duas escolas, em três escolas. Então isso cai muito a qualidade do ensino porque é humanamente impossível um professor trabalhar de sete a às doze em uma escola com vinte e cinco crianças em classe, sai doze, engole uma comida pra tá uma na outra escola e trabalha até seis da tarde. Então assim, o problema maior que eu diria assim, que eu pude presenciar, eu acho que é isso, porque a pessoa na busca de um reconhecimento melhor financeiro termina tendo que se sobrecarregar e aí a qualidade cai. (Roberta)

A questão financeira atinge com severidade os docentes que não vêm em suas atividades nenhuma oportunidade de melhoria salarial. O profissional busca compensação. Segundo Esteve (1999),

O status social é estabelecido, primordialmente, a partir de critérios econômicos. [...] O salário converte-se em mais um elemento da crise de identidade dos professores. [...] Paralelamente à desvalorização salarial produziu uma desvalorização social da profissão. [...] O professor é visto como um pobre diabo que não foi capaz de arranjar uma ocupação mais bem remunerada. A interiorização desta mentalidade levou muitos professores a abandonar a docência[...] (p. 105).

Nos relatos dos colaboradores, o sentimento de desencanto para muitos é intenso, assim como a vontade de ter tido voz dentro do sistema educacional, ser respeitado, ter conseguido transformar a realidade educacional. Para outros, porém, a exemplo de Roberta que, mesmo abandonando, semeia belas histórias quando, em sua narrativa cita:

[...] a minha ruptura com a educação, foi um dilema muito grande, foram muitas análises, muitos divãs pelo pela minha vida, porque decidi sair de educação foi uma decisão dura, né? sofrida, muito sofrida porque ao mesmo tempo em que eu queria ter mais qualidade de vida, queria ganhar mais, e eu não via essa possibilidade dentro da educação, [...] foi uma área que eu me encantei muito na coordenação.

Mônica aponta, também, claramente como a causa do abandono o fator financeiro: “eu parei porque achei que estava na hora de ganhar mais um pouquinho [...] não estava dando mais para viver com o salário de professor”.

Identifico, ainda, presente nas políticas de valorização do magistério, a temática dos baixos salários, carecendo ainda de maiores cuidados para se resolver, no cenário brasileiro.

A professora Ivone reflete o desencantamento com a educação no comportamento dos colegas de trabalho. Para ela, esse foi um fator determinante para o abandono da profissão. Durante seus relatos, ela declara a presença descuidada, descomprometida, desanimada e sem perspectiva da maioria dos colegas com os quais conviveu.

Era professor procurando aula vaga, é professor infeliz, é professor que não cumpre conteúdo programático, é professor que falta muito, que, apesar dos vários cursos, não vê a avaliação como um feedback do seu trabalho pra melhora do processo educacional do aluno e eu comecei a ver que eu era uma extra-terrestre. (Ivone)

Na narrativa de Márcio, encontro, como fator principal para sua saída, o engessamento da estrutura educacional, quando afirma: “[...] saudades dos meninos, da estrutura que eu vivia, quero correr léguas bem longe”. Embora seja visível que sua entrada e permanência na educação, por 15 anos, se deu por acaso, como afirma o colaborador: “eu nunca pensei em ser professor, quando pisquei eu tava dentro da sala de aula”; a identificação com o contexto não existia. Para Márcio foi uma relação de sobrevivência: “eu fui sobrevivendo nessa coisa”. As histórias tecidas e descortinadas,

por meio das narrativas, inscrevem-se na singularidade e na subjetividade do olhar dos colaboradores sobre o ser professor. Nesse sentido, Márcio observa e acrescenta que,

Toda profissão tem um tormento, mas ser professor é um tormento p-a-r-t-i-c-u-l-a-r. Você não consegue se desvincular das coisas, você cria uma SIMBIOSE, você não sabe mais o que é você, e o que é, pra você tudo fica igual. Segunda-feira e domingo é a mesma coisa. [...] Você se enterra naquilo.

Instalam-se, aqui, narrativas marcantes dos colaboradores desconhecidos, mas que teceram e escreveram, no dia-a-dia, suas próprias histórias — ricas e inigualáveis.

Emoções, lágrimas, sorrisos, alegrias, descobertas, orgulho pela profissão, dificuldades, desafios, registros e análises de saudades, sentimentos e lembranças que foram resgatadas, sonhos que se fazem e se renovam, vidas que foram partilhadas. Fica evidente que não nascemos professores, tornamos - nos professores por uma série de fatos, vivências, convivências, práticas, que vamos constituindo e instituindo ao longo dos anos. Professores/educadores, que, mesmo entre dúvidas, dificuldades, realinhamento de rotas, acreditam na educação como um caminho de mudanças e, devido à essa crença, buscam formas e meios para viver uma educação melhor, mais humana. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.

As vozes e os sentidos expressos dos colaboradores sobre seu ingresso na docência tiveram forte influência nos exemplos de exercício profissional dos membros da família que, na sua maioria, estavam presentes na escola.

Os problemas presentes nas histórias de vida e nas narrativas relacionados à docência, tais como, descaso dos estudantes, desvalorização profissional, faz-de-conta dos colegas, frustrações frequentes, expectativas (financeiras e de reconhecimento profissional) geradas na profissão levaram os colaboradores a descrever diferentes procedimentos para lidar com tais situações, tais como, fechar-se em si, entristecer-se, buscar outros caminhos profissionais.

Os professores colaboradores desta pesquisa afirmam que queriam ser professores desde a infância e, mesmo percebendo que não é a tão sonhada profissão, continuaram e

se esforçaram para exercê-la com empenho e satisfação por pensarem que conseguiriam vencer os desafios. Dejours (1992, p. 49) versa que “executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforços e de vontade, em outras circunstâncias suportadas pelo jogo da motivação e do desejo”. A motivação e o desejo aqui correspondem aos aspectos positivos da docência, a relação com os colegas, os agradecimentos de alguns estudantes; contudo a permanência depende das respostas da sociedade e do contexto educacional, as quais, não sendo satisfatórias, acabam por enfraquecer e causar a ruptura definitiva com a profissão.

Depois de percorrer caminhos singulares, emergem as causas do desencanto e o porquê do abandono. Os dados da pesquisa apontam que a dimensão *financeira* é a maior causa do desencanto e abandono da docência.

Ouso alimentar o necessário debate sobre políticas de valorização profissional especialmente no tocante ao trabalho docente que é árduo e desafiador. Aventureiro também sugerir que dentre os profissionais da educação, aqueles que saboreiam a sala de aula merecem um reconhecimento especial. Deixo em aberto este marcante e primeiro aspecto de parada.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 1992.

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Col. Leitura, escrita e oralidade.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Trad. Maria Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal: Ed. UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**. Lisboa: Fim de Século Ed., 1992.

_____. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1999, p. 93-124.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 2000, p. 31-61. Col. Ciências da Educação.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002.

MARQUEZ, G. G. **Viver para contar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- MOITA, M. da C. Percursos de formação e trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2000.
- NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. G. Processos de formação de professores iniciantes. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 87, n. 217, p. 382-400, set./dez. 2006.
- NÓVOA, A.(Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.
- PESSOA, F. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SINPRO/BA – Sindicato dos Professores no Estado da Bahia. **Condições de trabalho e saúde dos professores da Rede Particular de Ensino**. Salvador: SINPRO, 1998.
- SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.
- SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.
- ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Trad. Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru: EDUSC, 1999.